Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

22.º Anno — XXII Volume — N.º 752

20 DE NOVEMBRO DE 1899

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Sem expansões rhetoricas de sentimento, sem manifestações externas, muita vez antipathicas porque o morto esquece ante as exhibições vaidosas dos vivos, nunca maior e mais respeitosa dôr de uma população foi prova de estima a um morto illustre, de funda saudade por um homem de bem, na mais pura e requintada accepção da palavra.

Homem de todo o bem foi elle.

O enterro do dr. Camara Pestana deveria ter sido a mais eloquente manifestação de quanto um paiz inteiro se commoveu pela morte do illustre medico, gloriosa depois de tão gloriosa vida.

A sciencia tem os seus santos e o medico illustre que da sua dedicação foi victima tem um nome escripto em letras preciosas no grande martyrologio.

Tres horas depois da morte, mettiam-o entre quatro taboas e, quasi a occultas, o levavam para o cemiterio, onde o depuzeram n'uma cova funda, todo envolto em cal, que depressa o coma.

Assim tinha de ser, infelizmente.

Muito novo ainda, tornaram-lhe seus trabalhos bacteriologicos famoso o nome, não sómente em Portugal, mas no extrangeiro, onde ultimamente foi, muitas vezes, com elogio citado.

Oriundo da Ilha da Madeira, concluira o curso na Escola Medica com bastantes difficuldades pecuniarias.

Começava agora a sorte a sorrir-lhe, pensaria elle muita vez agora em que podia finalmente compensar sua mãe de tantos sacrificios feitos, descançar pelo futuro da filhinha, que deixou com dez annos.

Surprehendeu a morte em meio de tanto trabalho quem com ella ia luctando pela vida dos outros.

A doença cruel trouxe-a comsigo da cidade do Porto e elle, que tantas vidas ajudou a salvar, foi victima da heroica dedicação.

Seria para invejar morte assim tão gloriosa se não fosse o lembrarmo-nos de quanto padeceria aquella alma, cheia de saudades pelos dois entes queridos, que no mundo ia deixar immersos em dôr e saudades sem eguaes.

Mãe e filha, de quem foi gloria e esperança, nem ao menos puderam ter a consolação de lhe beijar o cadaver.

E até á hora de expirar o bem dos outros preoccupou o sempre e o corpo cheio de soffrimentos offereceu-o em singular altruismo ás experiencias da sciencia. E tudo eram recommendações e bons conselhos e, já no delirio, ainda os trabalhos, a que dedicára a vida, e aos quaes vae talvez trazer uma nova luz a sua morte, lhe foram pensamento constante.

As experiencias a que, com doloroso esforço, se sujeitou a seu pedido, parecem dever ter um alto valor scientifico. Do resultado final dirá o Instituto Pasteur.

Já quasi a expirar, Camara Pestana dictava uma carta ao seu amigo Bello de Moraes, o novel professor da Escola Medica de Lisboa. Era dirigida á rainha sr.ª D. Amelia, e n'ella pedia á virtuosa senhora que continuasse protegendo o Instituto Bacteriologico e recommendava-lhe os seus companheiros de trabalho.

Que morte exemplar, que commovente e exemplar final de vida!

Por isso foi geral o sentimento pela morte do illustre homem de sciencia, que saiu d'este mundo envolto n'uma aureola de santo.

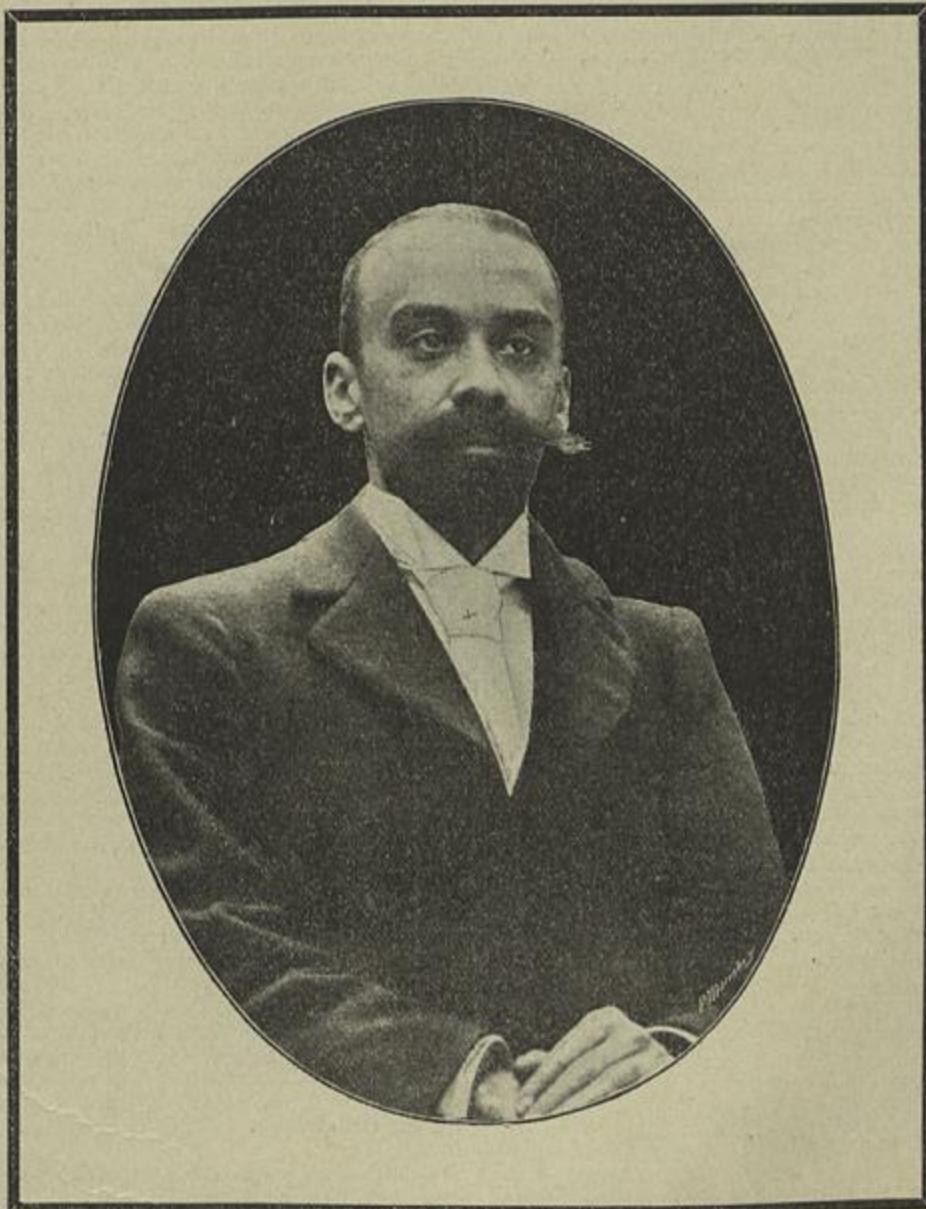
Mas no caso tetrico d'estes ultimos dias algumas circumstancias se deram que são para notar-se. A serenidade da população ao saber do facto da existencia de peste em Lisboa prova a serena confiança que lhe inspira o saber da classe medica e um estado de espirito dos mais convenientes para o combate no caso possivel d'uma epidemia.

As medidas tomadas pelo governador civil foram as mais conformes com os dictames da hygiene e da sã razão. Honra lhe seja e a todos os que sem resistencia se submetteram ás desinfecções e complicados incommodos de um passeio até ao Lazareto.

Podemos ter toda a confiança em que a peste em Lisboa, um simples caso de laboratorio, não fará maior numero de victimas.

E foi por estes dias exactamente que muitos, com o maior dos perigos a bater-lhes á porta, só temiam da possibilidade d'um encontro da terra com um cometa que, conforme um treslido sabio allemão, deveria reduzir o mundo a poeira no dia 13 de novembro pelas tres horas da tarde.

O mundo não acabou d'esta e até falhou a annunciada chuva de estrellas, milhares de grãos de poeira cosmica, que, segundo certos sabios, parecem ter mudado de rumo nos espaços infinitos.

Afinal o annunciado encontrão fantastico só teve

CAMARA PESTANA — Fallecido em 15 do corrente

mao resultado para uns graciosos que andaram passeando por Lisboa n'uma carruagem enfeitada com crepes e caveiras e foram, aonde não pensavam, de passeio até ao governo civil, d'onde sahiram á tarde com a recommendação de terem mais graça para a outra vez.

Cá estão muitos dos que n'esse dia tremeram vivos ainda; quantos que nem da morte possivel se lembravam, d'ella receberam o beijo frio!

Mais outro que ella nos levou e que nos deixou a quantos o conhecemos immarcessivel saudade!

A's dez e meia da manhã do dia 14 fallecia repentinamente no Conservatorio de Lisboa, aonde se dirigia para reger a aula de rabeca, o distincto musico Victor Hussla, que tantas sympathias contava entre nós e a quem, apezar de extrangeiro, tanto deveu a musica portugueza.

Victor Hussla, filho de paes allemães, nascera em S. Petersburgo em outubro de 1857 e completára a sua educação musical em Leipzig.

Convidado para vir a Lisboa occupar o logar de director de orchestra da Real Academia de Amadores de Musica, ha já bastantes annos que se achava entre nós, onde o seu alto valor se confirmou nos muitos discipulos que o honraram e em varias composições de grande voga.

Fôra, ha pouco tempo, nomeado professor do Conservatorio Real, onde a sua influencia decerto breve se haveria de sentir, se tão cedo a morte não viesse arrebatal-o a tantos amigos e aos discipulos que tanto o consideravam.

Foi imponente o seu enterro. A esse, ao menos, puderam tributar-lhe essa expressão de sentimento.

Victor Hussla morreu na força da vida, quasi pode dizer-se em plena mocidade, quando mais havia a esperar do seu muito saber e superior educação artistica.

Força da vida!... Mocidade!... Não é com datas de certidões que a podemos definir. Quem diria, vendo aquelle bello rapaz, ao sahir de casa n'aquella manhã, que, meia hora depois, havia de cahir nos braços d'um amigo, para nunca mais ter um sorriso nos labios, um clarão de alegria nos olhos!

Força da vida!... Que quer isso dizer?

Mocidade!... Quando começa, se ha tantos velhos de vinte annos?... Quando acaba, se ha dois dias ahi vimos a Sarah Bernhardt fresca como uma rosa de abril?

Se o genio saberá d'algum elixir de juventude de que guarde segredo?

Com os seus cincoenta e bastantes annos a linda Sarah deslumbrou-nos a todos, com a sua voz de crystal, com os seus olhos onde brilha a luz d'uma manhã de primavera, com todo o encanto que d'ella emana, feito de claridade, de musica, de perfumes.

E' tal o sonho em que nos emballa que nos não deixa tempo para discutil-a. Não ha vontade senão de lhe cantar madrigaes pelo que ella nos arrebatou na *Tosca*, no *Frou-frou*, no *Hamlet*, na *Dama das Camelias*, na *Adrienne Lecouvreur*, na *Phedra*, na *E'tincelle*, na *Rome vaincue*.

Cada noite era o triumpho maior. Na ultima os estudantes levaram-lhe a carruagem até casa dos Duques de Palmella, que haviam convidado para uma ceia a gentil actriz. Pelas ruas succederam-se com delirio os vivas e a Sarah teve que vir a uma das janellas do palacio agradecer a estrondosa manifestação.

Que profundas saudades nos deixou! Nenhuma actriz no mundo reune talvez com ella dotes naturaes, alma de artista, sciencia de theatro.

Não nos disse adeus, disse-nos *au revoir*. Esperemos confiados a volta da primavera.

Partiu a Sarah Bernhardt, já cá temos a Granier, uma das mais celebres e prestigiosas representantes da alegria franceza, que, por emquanto, ainda tem honras de rainha.

Não desmintamos nós a fama que temos em França e que a Granier bem sabe, talvez porque cantou muita vez *A Noite e o Dia*.

No retrato que offereceu ao Visconde de S. Luiz escreveu: «*Je me demande avec stupeur si je vais plaire aux portugais. Je pense qu'oui; ils sont gais, moi aussi*»

João da Camara.

AS NOSSAS GRAVURAS

CAMARA PESTANA

Este illustre sabio bacteriologista portuguez, honra e brilho da sciencia portugueza, bem se pode hoje considerar uma victima d'ella. A sua morte causou uma profundissima emoção em todo o paiz e fóra d'elle, attentas as circumstancias que rodearam tal facto.

Como se sabe, Camara Pestana dedicou ao estudo da epidemia reinante na cidade do Porto toda a sua attenção, trabalhando assiduamente nas autopsias dos pestiferos e procurando nos cadaveres os segredos do mal. Do perigo de taes estudos foi victima, porque, tendo-se picado durante a dissecação de um bubão, se lhe inoculou no sangue o terrivel flagello. Regressado a Lisboa aqui se lhe declarou o mal.

Nos primeiros dias da sua doença houve esperanças de cura, que infelizmente se não realisaram. O prognostico fôra grave desde o principio e o desenlace foi rapido.

Facilmente se imaginará a immensa anciedade que tal noticia causou no instante em que se soube e a viva commoção que lhe succedeu, enchendo a todos de magoa e consternação.

Se era, em verdade, a primeira victima que o flagello fazia na capital e um sabio considerado como tal em os centros scientificos mais adiantados.

Ainda moço, em toda a força da vida, quando tanto havia a esperar da sua comprovada sabedoria e conhecimentos medicos, o illustre professor impunha-se á sympathia geral, tanto pelas suas qualidades pessoaes como pelos seus dotes de espirito.

Como chefe do primeiro gabinete de bacteriologia que se instituiu em Portugal, o dr. Pestana envidava todos os esforços para que o paiz caminhasse na vanguarda dos que cultivam a sciencia e o seu adeantamento. Como professor os seus cursos conservam d'elle memoria honrosa.

Luiz da Camara Pestana era natural do Funchal, onde nasceu em novembro de 1863 e onde concluiu parte dos seus estudos preparatorios no lyceu d'aquella cidade, contando portanto 36 annos. Formou-se na Escola Medica-Cirurgica de Lisboa em 1889, versando a sua these sobre o *Microbio do carcinoma*. N'esse mesmo anno foi nomeado medico-cirurgião do hospital de S. José e em seguida chefe de clinicas da Escola Medica.

Como estudante, fôra sempre laureado, grangeando a estima e consideração de professores e collegas, pela sua intelligencia e applicação. Não tardou que as lides do ensino o attrahissem. Em 1898 concorreu a uma vaga de substituto na secção medica, sendo a sorotherapia o assumpto que escolheu para these; sendo approvado, em 12 de maio de 1898, assignou el-rei o decreto que o nomeava professor.

Em 19 de agosto de 1892 foi nomeado director do Instituto Bacteriologico, em cujo laboratorio trabalhou com um zelo e amor inexcediveis, entregando-se a estudos e analyses de grande valor scientifico, e publicando varios trabalhos honrosamente apreciados no estrangeiro. Na imprensa medica portugueza tambem collaborou activamente, sobre assumptos importantes.

Foi, pois, uma grande perda a todos os respeitos, a morte do illustre professor, e um episodio lancinante, prova exuberante do seu entranhado amor á sciencia, veiu ainda tornar mais triste, mais cruel, e, por assim dizer, mais tragico, o seu passamento.

Foram as *Novidades* que o registaram em primeiro logar. E' tão commovente que se não lê sem uma violenta emoção:

«Entrado já na agonia, e conhecendo com inteira lucidez que pouco a pouco se ia apagando a pequenina chamma de vida que o alentava, foi sempre e successivamente indicando ao dr. Bello de Moraes, que com absoluta dedicação o acompanhava, as recommendações precisas e elucidativas sobre o seu estado e sobre as precauções de desinfecção que elle devia tomar. De repente observou:

— Se eu pudesse urinar! Que grande serviço que seria para a sciencia fazer a analyse! Nunca até hoje se conseguiu que um pestifero, na agonia, deixasse esse elemento para uma analyse rigorosa...

E tentando e conseguindo com esforço o que desejava, entrou em novas recommendações:

— Logo que acabar, faze uma analyse rigorosa, e manda-a ao Instituto Pasteur, ao dr. Roux.

Quasi a seguir caiu em delirio. Mesmo então, ainda a preoccupação da sciencia o não abandonou — e acabou fazendo, em francez, uma lição sobre o seu caso!...»

O egoismo tão natural nos ultimos instantes de vida, esse apêgo tão proprio de quem vê desapparecer-lhe o mundo, cedera logar ao amor pela sciencia. Quem tanto se lhe dedicava em vida, quiz ainda já quasi na agonia prestar-lhe o derradeiro serviço.

LAPA DOS ESTEIOS

É um dos encantos mais suggestivos da formosa Coimbra este sitio privilegiado que a tradicção poetica tem sabido adornar immortalisando-lhe o nome de Lapa dos Esteios. E, como encanto que é, encontra-se um pouco recatado, nas margens do Mondego, esse rio tão suave e tão caprichoso que

> Corre por entre bosques divertidos
> Com curso tão quieto e socegado,
> Que nas voltas se mostra arrependido
> De levar agua doce ao mar salgado

como d'elle disse o nosso illustre epópaico Gabriel Pereira de Castro.

Seria imperdoavel fallando de um sitio tão poetico não fallar dos poetas, que, depois da natureza, tanto sublimaram a estancia predilecta dos poetas que em Coimbra alli se teem inspirado.

Foi por certo Castilho quem mais o immortalisou com a sua *Festa de Maio* e *Dia de Primavera*, mas os cantos maviosos são variados e entre os vates que dedicaram á Lapa dos Esteios o carinho do seu talento, distinguem-se A. X. R. Cordeiro, J. F. de Serpa, João de Lemos e Thomaz Ribeiro.

E para se comprehender como aquelle sitio tão cantado é mais obra dos poetas do que da propria natureza, basta ouvir a descripção que d'elle faz um prosador. [1]

Depois de estabelecer que, topographicamente, a *Lapa dos Esteios* se encontra a cerca de uns dois kilometros para cima de Coimbra, seguindo a veia do Mondego, o erudito escriptor alludido diz:

«Nada se encontra ali de sublime, nem de grandioso; mas uma vegetação copiosa e engraçada vestindo o pendor de uma collina, formando copadas alamedas, a cuja sombra todos apreciam passar algumas horas, ouvindo o cantico das aves, misturado suavemente com o sussurro do Mondego, que, passando ao sopé do Monte, rumoreja deleitosamente nas folhas das arvores que se inclinam para a corrente. D'entre o bosquesinho surgem aqui e ali, no cimo de rochas vivas, cortadas a pique sobre o rio e engrinaldadas de viçosas eras e mil variadas plantas, alguns mirantes cercados de alegretes, d'onde se desfructa uma perspectiva tão formosa como variada. Arrobam-se os olhos n'aquelle fascinador quadro.»

Assim fallou o prosador erudito. Imagine-se o que terão dito os illustres poetas referidos, que tal logar escolheram para as suas lucubrações.

Sitio de poetas elles o teem solemnisado devidamente, completando a obra da creação.

D. JAYME ISERN

CEGO DE NASCENÇA

II

(Concluido do numero antecedente)

«O parecer de Rodés e o conselho de meu primo contribuiram a que me occupasse em discorrer sobre um instrumento destinado a esse fim. A primeira ideia que tive executei-a eu mesmo em ponto pequeno e muito grosseiramente com umas taboasinhas de madeira, com o fim de dar a comprehender a meu pae o que eu queria que elle fizesse. Meu pae gostava de se entregar aos trabalhos de carpinteria e trabalhava regularmente. Com o meu modelo dei-lhe a comprehender facilmente o que desejava, e elle fez o instrumento. Assim que o ensaiei conheci que os meus esforços não seriam inuteis, mas juntaram-se muitas difficuldades ao mesmo tempo.

[1] *Guia Historico do Viajante em Coimbra*, por Augusto Mendes Simões de Castro.

«Tive que recordar todos os signaes que servem para escrever a musica, porque em parte os tinha esquecido, e porque comprehender as cousas não é o mesmo que fazel-as.

«Para renovar e aperfeiçoar aquellas ideias, pedi a um musico que me puzesse n'um papel os signaes da musica; e o meu cunhado D. José Boter y Llauder, sem ser musico, ensinou-m'as figurando-as na minha mão, e dizendo-me os defeitos que commettia quando eu as imitava com o lapis. Por outro lado a machina estava cheia de defeitos que eu mesmo tinha que corrigir. As primeiras vezes que escrevi musica fiz as colcheias, semi-colcheias, etc. soltas sem ter atinado em que a pequena taboasinha que me servia de guia para collocar as notas podia andar da *direita* para a *esquerda* assim como andava da esquerda para a direita para poder retroceder e unir as notas que o deviam estar. Fazia as hastes das notas e divisões de compassos com ondulações; porque o que me indicava as linhas do pentagramma eram uns arames que se prolongavam, e o estylete mettia-se entre elles, o que não me permittia fazer linhas rectas, mas esse inconveniente evitei-o pondo uma pequena placa de metal debaixo dos arames, a fim de que a borda d'esta impedisse o estylete de se metter entre aquelles. Pautava o papel fora do instrumento que me serve para escrever a musica, e quando o collocava n'elle para escrever tinha necessidade de que alguem me visse se as linhas do pentagramma correspondiam aos arames que me guiam para collocar as notas; e ainda assim algumas vezes me sahia muito errado o que escrevia: experimentei collocar primeiro o papel do modo que deve estar para escrever, e pautal-o no mesmo instrumento, o que me deu bom resultado, de modo que sem precisar de ninguem escrevo as notas com muita precisão. Outro dos defeitos que o instrumento tinha era que não podia escrever com elle musica para piano, nem para muitos instrumentos ou vozes ao mesmo tempo; mas depois consegui fazel-o como vae indicado na explicação sobre o modo de usar esse instrumento».

Não satisfeito com os applausos que lhe grangeava a sua feliz invenção, quiz Isern fazer alguma cousa mais para sua fama, pelo credito da patria e bem dos seus semelhantes. Encarregou em 1826 a D. Antonio Puigblanch que a apresentasse em seu nome á Real Sociedade estabelecida em Londres para o fomento das Artes, Manufacturas e Commercio. Esta sabia Corporação resolveu por unanimidade adjudicar ao auctor o premio da grande medalha de prata — The Large Silver Medal — conforme se póde verificar no tomo XLV da collecção intitulada *Transactions of the Socyety Instituted at London for the encouragement of arts, manufactures and commerce; with the premiums offered in the year 1827*, onde tambem se encontra descripto e perfeitamente gravado o instrumento.

Emquanto discorria sobre o engenhoso instrumento de que acabámos de fallar, e que como é de suppôr foi obra vasta, aprendeu Isern o officio de cesteiro e canastreiro de sarja e vime, o de torneiro e marceneiro. O primeiro abandonou-o logo ao principio porque, endurecendo-lhe a pelle dos dedos, lhe amortecia o tacto de que tanto necessitava; mas continuou empregando os seus momentos de ocio nos restantes, de modo que sem difficuldade trabalha primorosas peças. A attestar estas palavras muitos são os exemplares de obras suas que guarnecem o seu quarto, entre os quaes se nota uma mesa de mogno, redonda, de uma só peça, com quatro pés, oito pollegadas e seis linhas de diametro, e especialmente um violino e um pequeno barquinho de mogno e marfim que teve a honra de offerecer aos reis D. Fernando VII e D. Maria Amalia durante a sua permanencia em 1828 em Barcelona: obras que honrariam a um artista de merito, e que, dando realce aos seus restantes talentos, contribuiram para lhe grangear o appreço e benevolencia de SS. MM. Isern fez tambem na minha presença alguns ensaios n'uma fabrica de ceramica, o que me convenceu de que os cegos tambem poderiam dedicar-se com proveito a este officio.

Pouco tempo depois ideou e construiu o instrumento com o qual os cegos podem jogar o loto com a mesma facilidade que os videntes. E empenhado n'estes ultimos annos em facilitar aos cegos o communicar os seus conceitos por meio da escripta, fez, n'esta parte tão essencial e difficil da educação, alguns adeantamentos dignos de serem aqui publicados.

1.º — Para poder escrever com velocidade quando assim lhe convier, e ter ao mesmo tempo uma secretaria que podesse trazer comsigo facilmente e sem risco de a estragar, arranjou um pequeno marco de madeira com cordas de viola postas transversalmente, de modo que entre ellas ficasse o espaço sufficiente para fazer letras maiusculas e minusculas. Para escrever basta collocar debaixo d'estas cordas o papel de calcar, debaixo d'este o papel branco e finalmente fechar um caixilho, que o marco tem na sua parte posterior para segurar o papel. A letra é desigual e não forma linhas rectas, mas é intelligivel e além d'isso já se disse qual era o objecto do presente instrumento.

2.º — Tambem conseguiu Isern escrever facilmente sem outro instrumento mais do que um lapis, dobrando o papel, de modo que as pregas lhe servem de guia para fazer as linhas direitas. A letra sae bastante clara.

3.º — Desejoso de imitar no possivel a escripta commum cursiva, depois de ter apprendido a formar as maiusculas exercitou-se em fazer letras de menor tamanho e com a inclinação acostumada. Para isso bastou-lhe escrever na mesma placa mas com um estylete mais grosso; pois é claro que, ainda que seja o mesmo espaço em que se escreve a letra ha de resultar mais ou menos pequena, conforme o diametro do estylete que o ha de percorrer; mas era muito difficil o dar á letra uma inclinação igual e constante: comtudo Isern conseguiu-o auxiliado pelas indicações dos acreditados artistas D. Antonio Cuyás e D. Estevão Margenat, ambos elles seus patricios, fazendo na placa uma simplicissima modificação, e que longe de complicar o mechanismo do instrumento, o faz ainda mais facil. Com estes meios conseguio Isern escrever com regularidade o que não creio tenha alcançado nenhum cego.

4.º — Apezar de estes adeantamentos, não podia Isern tirar a mesma vantagem da escripta que os que vêem; pois sendo-lhe impossivel ler a escripta dos outros e mesmo a propria, precisava sempre de alguem a quem confiar o segredo da sua correspondencia e dos apontamentos reservados. Bem sabia que escrevendo com o estylete posto em cima de uma meza ou de qualquer taboa coberta com um panno ou outro corpo molle, a letra formaria relevo; mas tinha observado que era muito difficil, quando não impossivel, ler aquella escripta por meio do tacto, ainda mesmo servindo-se da extremidade da lingua, que é d'onde os cegos o teem mais fino; porque como é pequeno e talvez quasi nullo o relevo das curvas da letra da dita escripta, confundem-se umas com outras ou talvez é de todo o ponto impossivel reconhecel-as. D. Francisco Cabanellas fez a Isern um singular beneficio dando-lhe a conhecer uma clave na qual os caracteres se compõem exclusivamente de linhas rectas; ao passo que é facil formal-os bem, isto é, de maneira que na volta do papel fique exacto o relevo, é egualmente facil o reconhecel-os ou distinguil-os por meio do tacto. Este methodo de escripta, que deixa muito para traz a quantos o precederam no seu genero, incluso o do sr. Gibson de Birmingham, é o que actualmente usa Isern para as suas notas e correspondencia reservada; bastando-lhe para isto remetter copia da clave advertindo o modo de escrever e pôr um signal qualquer que indique por d'onde se deve começar a leitura.

No meio de tão laboriosas tarefas, a musica formou sempre o principal objecto da applicação de Isern; e a sua maestria no exercio d'esta profissão augmenta o numero de admiradores e amigos que lhe grangeiam os seus restantes talentos artisticos e scientificos. Foi assim que a camara municipal da cidade de Mataró lhe conferiu o logar de organista da parochia e que fosse escolhido para professor por muitos dos que se dedicavam ao solfejo e ao estudo de varios instrumentos: officios que está desempenhando com singular esmero e acceitação e cujo estipendio junto com a pensão annual de 300 ducados que lhe concedeu a munificencia do defunto rei, o preservaram das difficuldades a que o expuzeram as perdas que experimentou sua familia e lhe proporcionaram aquella mediania de fortuna que convem ao exercicio das virtudes e das letras.

Os seus mestres, largamente remunerados com os repetidos testemunhos de attenção e gratidão que d'elle recebem e dos seus amigos, cada dia se congratulam mais do exito da empreza a que os chamou a casualidade. Sómente lhes falta a satisfação de que sirva de estimulo para que outros, dotados de mais erudição e engenho, se dediquem a melhorar na nossa patria a educação dos cegos e outros ramos de beneficencia, que tanto contribuem para o esplendor e prosperidade das nações e que são acaso o signal menos equivoco dos progressos da sua civilisação.

Lisboa, novembro de 1899.

Trad. por A. Mascaró, filho.

Origem do copo torneado por D. Jayme Isern cego de nascença e entalhado por Luiz Vermeill, seguida de uma descripção dos entalhes

«Achando-me n'esta cidade de Mataró em 1858, retratando por especial obsequio a D. Jayme Isern cego de nascença, em grupo com seu filho Carlos, disse-lhe: teria muito prazer em vêl-o trabalhar ao torno; ao que elle me respondeu: ámanhã ponho um bocado de madeira no torno, venha e vêr-me-ha trabalhar. Com effeito, fui e pediu-me que lhe recortasse um perfil de um jarro; eu desenhei e recortei o perfil da sua physionomia n'um copo bem persuadido de que o executaria, e emquanto fazia isto perguntei-lhe: E para quem será esta obra? E respondeu-me: para si.

Acabou-a, e com elle o seu perfil muito exacto, como póde vêr-se em 3 das 4 arestas que da circumferencia deixei no corpo central, pois da quarta fiz do natural o perfil do seu adorado filho Carlos. Chega este anno de 1863 e nos espaços de uma a outra aresta entalhei: no primeiro, o escudo das armas de Mataró; no segundo, um pequeno templo; no terceiro, uma mesa circular; e no quarto, um violino; tres obras que representam as que, entre muitas, o dito sr. Isern fez em alabastro e madeira. Outros adornos, que seria desnecessario enumerar, acompanham o trabalho do meu amigo, mas só devo accrescentar que o bordão que havia sobre as faces, o transformei em corôa de louros, tributo pago ás «glorias de Mataró».

Em quanto á gloria do entalhador, se alguma ha, recae sobre a sua querida patria S. Cugat del Vallés.

Mataró 22 de maio de 1863.

Luiz Vermeill.
(O peregrino hespanhol).

A PENA DE MORTE

«A edade aurea do genero humano não está na nossa retaguarda, está adiante de nós; está na perfeição da ordem social: os nossos paes não a viram, os nossos filhos lá chegarão um dia; pertence-nos abrir-lhes o caminho».

SAINT-SIMON

Em carta de Paris, com data de 31 de dezembro de 1898, publicada no *Diario de Noticias* de 4 de janeiro do anno corrente, dizia o seu signatario haver concluido na manhã d'aquelle dia a carreira de executor de alta justiça o carrasco Deibler.

Afastou-se do serviço com 75 annos de idade, sendo aposentado e succedendo-lhe no cargo seu proprio filho.

Affirmava ainda o auctor da carta, que as 52 cabeças que Deibler foi chamado a fazer cahir do tronco representaram ao thesouro da França *«o melhor de um milhão e duzentos mil francos, o que faz uma média de cerca de vinte e tres mil francos por cada uma!»*

O facto da aposentação d'este funccionario ancião e o cuidado immediato de o substituirem no officio profissional horrivel, fizeram-me pensar nas miserias da vida social e no muito pouco que significam realmente as apregoadas conquistas da civilisação actual perante o contagio epidemico do vicio e as aberrações extraordinarias do crime.

As sociedades remotas que tiveram por theatro das suas glorias e por scenario das suas orgias as terras da Asia menor e occidental não contaram talvez no seu seio um monstro de malvadez e de perversão como o ultimo condemnado cuja cabeça rolou na guilhotina de Deibler, e Vacher, todavia, quando saciava os seus instinctos bestiaes nos cadaveres das suas victimas de ambos os sexos e de todas as idades, não ignorava a letra do codigo penal nem desconhecia que no termo da viagem de todos os assassinos e bandidos se levanta na patria franceza a pia baptismal da infamia e que o seu sêllo indelevel é gravado no collo dos criminosos ao correr o fio do cutélo do algoz.

Não o assustou a pena de morte comminada na legislação criminal do seu paiz para individuo da sua estôfa e não duvidou continuar perpetrando novos attentados.

Este facto revela-me que a besta homem é sempre susceptivel de identicos desvios hediondos, quer viva sob a pressão despotica dos satrapas da

Media e da Persia antigas, quer se deixe ensandecer á custa da crapula abusando nas nossas cidades modernas da desgraça dos prostibulos, quer sonhe embriagado de opio nos pangaios da China contemporanea.

«Olho por olho, e dente por dente, mas eu vos digo que não renitaes no mal: se alguem vos ferir em uma das faces, apresentae-lhe a outra».

Taes eram as palavras que o maior dos philosophos, visto que nenhuma philosophia pode equiparar-se ao evangelho de Jesus, tinha pronunciado um dia em face das gentes; e d'ahi não ha semente originaria a invocar como boa base de justificação a quem argumenta em favor das penas capitaes.

Em vez de Deibler, carrasco aposentado substituido por outro mais cheio de vida para supprimir a alheia, não seria preferivel que já estivessem abolidos inteiramente os instrumentos de supplicio e todos os artifices na sua manipulação?

Não nego uma tal ou qual consistencia e um certo fundo logico, no seguinte raciocinio de um fallecido illustre portuguez no projecto por elle apresentado em data de 1861 sobre o codigo penal do nosso reino:

«A vida é tão inviolavel aos olhos da consciencia, como os outros dons e faculdades com que o Creador enriqueceu o homem; assim como a sociedade ataca, por exemplo, a liberdade na pena de prisão, sem violar a justiça, poderá na pena de morte fazer expiar o crime com a vida sem violar a mesma justiça, com não menos direito do que no campo da batalha exige como meio supremo para a sua conservação o sacrificio de seus filhos, sem a accusarem de um acto illegitimo.» Pondo de parte ao querer impugnar as doutrinas dos partidarios da pena de morte a circumstancia especialissima de que a vida constitue apenas um usufructo que de resto, como qualquer outro, não pode ser alienado, tenho como razão fundamental a opôr a theorias semelhantes que dado o engano nenhuma reparação n'este mundo possue virtude para animar cinzas e restituir direitos legitimos a um cadaver.

LAPA DOS ESTEIOS
Quadro de Christino

Na *Histoire des Institutions de Moïse et du Peuple Hébreu*, escreveu J. Salvador este periodo irrefutavel:

«O sangue que corre; a multidão agitada por uma curiosidade indecente; a victima que se conduz para o mais horrivel dos altares; a impossibilidade de reparar um erro de que nunca está

isenta a sabedoria humana; o receio de ver um dia uma sombra dolorosa levantar-se da terra e dizer: «Eu era innocente»; a facilidade que teem os povos modernos de repellir do seu solo o homem que o manchou; a influencia das iniquidades geraes sobre a producção dos crimes; emfim o contraste repugnante de uma sociedade inteira, forte, intelligente, armada, que, para se oppôr a um desgraçado arrastado pela necessidade, pelas paixões ou pela ignorancia não encontra outros meios do que excedel-o em crueldade: todos estes motivos penetraram já profundamente em todas as classes».

Não posso deixar de transcrever aqui attenta a alta importancia do seu significado uma pagina do *Ensaio sobre a historia do Governo e da Constituição Britannicos*, de John Russell, cuja traducção franceza tenho presente:

«Pour ma part, je ne doute pas un seul instant, qu'une société civile ait le droit d'infliger la peine de mort, je ne doute pas qu'il soit utile d'exercer ce droit en certaines circonstances.

«Cependant si laissant de côté ce droit abstrait, et cette utilité métaphysique de l'appliquer, j'en viens à considérer l'état de notre société, — je trouve qu'il est bien difficile pour un juge quelconque de distinguer entre les cas où la justice doit être inflexible et ceux où elle doit reconnaître des circonstances atténuantes, — je trouve que la tâche du Secrétaire d'État est fort malaisée quand il s'agit de dispenser une grâce au nom de la Couronne, — je vois que le public n'épargne pas les commentaires, — et que tel individu qui faisait horreur devient rapidement un objet de pitié, — je remarque combien cette peine juste et terrible a une influence bornée en tant qu'elle doit servir d'exemple, — combien l'éxécution a un caractère brutal, — et j'en viens à cette conclusion que la justice n'y perdrait rien, que les honnêtes gens n'auraient point à craindre davantage pour leur vie si on abolissait entièrement la peine de mort».

Insuspeito e sisudo como é na opinião pessoal a respeito de uma pena ainda vigente na legislação ingleza mas profundo na vastidão dos conhecimentos e na critica dos factos o illustre Russell expende francamente na ultima phrase transcripta da versão citada, um sentir em contraste diametral com a maneira de ver de todos aquelles cuja expressão final na dita materia fica de sobra compendiada n'este periodo de M. de Réal no seu *Traité de Politique*: «Tirar a vida a um malvado, é garantil-a a mil pessoas honradas».

Não, não póde ser assim, e, como sustentava Lerminier na *Philosophia do Direito*, «Se a penalidade tem para fim instruir e melhorar os homens, ella deve necessariamente ser temporaria, remissivel e reparavel. Forjar-lhe uma eternidade, é negar mesmo as condições da humanidade.»

Abençoada seja a memoria de Beccaria, o immortal italiano que n'um volume pequeno soube erguer um monumento indestructivel deante do qual ha de esmorecer sem remedio o verbo de todos os defensores da pena de morte!

«A impressão que produz a vista dos supplicios, proclamou aquelle almo espirito, gloria e orgulho da nossa especie, não resiste á acção do tempo e das paixões, que depressa apagam da memoria dos homens as coisas mais essenciaes... A pena de morte é ainda funesta á sociedade, pelos exemplos de crueldade que ella dá aos homens...».

O tão distincto quanto mallogrado Rossi, compatriota do auctor do livro *Dos delictos e das penas*, remata por esta fórma symptomatica o capitulo do seu *Tratado de direito penal*, dedicado especialmente á pena capital: «Que concluir d'estas observações? que a pena de morte é não só legitima em si, mas que devemos desejar a sua manutenção?

«Mal d'aquelle que pudér tirar d'ahi semelhante consequencia. A pena de morte é um meio de justiça, extremo, perigoso, que só póde usar-se com a maior reserva, em caso de verdadeira necessidade, que devemos anhelar vêr supprimir completamente e para a abolição do qual cumpre que empreguemos todos os nossos esforços, preparando um estado de coisas que torne a eliminação d'esta pena compativel com a segurança publica e particular».

«*Não matarás*» é uma das dez disposições da lei do Sinai, e seja qual fôr a interpretação didactica dada pelas differentes escólas ao famoso preceito divino elle nada perde do seu vigor intrinseco e é etymologica e litteralmente absoluto e peremptorio.

E' certo que a estrada dos povos vem assignalada lugubremente no rodar dos seculos por vestigios de sangue humano derramado em holocausto do crime e por postes de justiçados; mas não é menos certo o desleixo e o desamor de todos os dirigentes na evolução dos tempos pelas classes desprotegidas da fortuna e pelas multidões ignorantes.

Todos os homens da geração hodiérna que se apresentam no seio das assembléas publicas e ousam esgrimir oratoria insossa em frente das turbas, conclamando em pró do restabelecimento da pena de morte, deveriam queimar previamente a pedra pomes o proprio egoismo sordido de que são envilecidos na maioria e escalpellisar a fogo lento as manchas vergonhosas dos hypnotizadores sociaes aspirantes a empolgar os timões da governança.

O verdadeiro arsenal impeditivo do apparecimento das excrescencias indecorosas que maculam a humanidade não consiste no espantalho dos patibulos e na execução prompta de todas as sentenças de morte, o segredo da sua efficacia redemptora e perennemente virginal reside com exclusão de todos os processos officiosos das sciencias physicas na sã moral dos individuos e nas energias austeras da dignidade. Sejam dispensados por toda a parte os Deibler; arvore-se em seu logar a instrucção do Evangelho e o perdão do Crucificado!

Nunca julgarei inopportuno meditar um pouco sobre a natureza e o caracter privativo da maior das penas applicadas n'este mundo.

PERFIL FEITO POR LUIZ VERMEILL PARA D. JAYME ISERN TORNEAR O COPO

COPO TORNEADO EM BUXO POR D. JAYME ISERN E ENTALHADO POR LUIZ VERMEILL

As legislações vão sendo modificadas quotidianamente e, não raro, revivem velharias que o tempo levára e que a intellectualidade humana havia condemnado a uma eliminação judiciosa.

A pena de morte tem sido sujeita a variantes periodicas bem como a effervescencias enthusiasticas de preconizadores e de impugnadores.

A Historia mostra que todos os povos a inscreveram nos seus codigos e que ainda os mais propensos a poupar o derramamento de sangue exceptuaram alguns casos considerados de reclamação indispensavel para a entrada do carrasco em scena.

N'este ponto, está de perfeita harmonia o presente com o passado, a civilisação brilhante dos nossos dias com as extinctas civilisações da Asia antiga, das margens do Nilo, da Grecia e de Roma.

Revolta-me semelhante analogia e contacto de opinião no acto maximo de punir, e chego a duvidar de mim proprio, da minha razão ao segregar-me a consciencia que ha ahi um attentado tremendo e um abuso inqualificavel.

Interrogo-me então interiormente e procuro examinar se este modo de encarar um assumpto de tanta monta e gravidade não passa da minha parte, de um raciocinio fementido ou de uma illusão piegas.

Pois terão mentido ao sentimento innáto de creaturas falliveis, terão obedecido apenas a combinações estranhas de egoismo feroz e a calculos interesseiros de uma ambição febril do mando todos os grandes legisladores que ligaram á sua obra e ao seu nome a comminação da pena de morte?

O Auctor da Natureza sanccionará por ventura a usurpação pelo homem de um direito que não assiste ao mesmo homem?

A pena de morte, seja qual fôr a ordem de argumentos com que se pretenda legitimal-a terá sempre contra si dois escolhos fulminantes, que poderão embora encobrir-se habilmente mas que nem por isso deixarão de permanecer em pé, nitentes e invulneraveis, é que a sua execução exigindo fatalmente o emprego de um executor, quer singular quer collectivo, quer directo quer indirecto no exercicio da missão horrivel traduz-se por força, no espectaculo publico ou a portas cerradas de um novo crime, e que, se vier a reconhecer-se a innocencia posthuma d'este assassinado a sangue frio e sem perigo para o agente da alta justiça toda a magestade de que estiver ou esteja revestido o tribunal representante da sociedade offendida é futil e ridicula perante a idéa de uma satisfação impossivel para um damno que já não cabe na alçada de nenhum poder cá da terra.

Matar um homem ninguem jámais se lembrou de considerar uma virtude, e pelo facto de haver passado em julgado uma sentença de pena capital e de se estipendiar um semelhante nosso para lhe dar cumprimento, a resultante final de tudo isto não será de egual fórma supprimir violentamente outro homem do rol dos vivos, com a aggravante demasiado asquerosa da interferencia do seu proximo, pago, e da sociedade pagante?

E' tão condemnavel o crime de homicidio premeditado como o proprio meio inventado juridicamente para fazer desaffrontar com o sacrificio da vida do delinquente a offensa social do assassinato.

As penas não se forjaram nem se idearam para avolumar o numero dos cadaveres dos réus convencidos, suggeriu-as a Divindade na mente do homem como dura e instante necessidade de correctivo aos seus mesmos desmandos; ellas não merecem adhesão sympathica sempre que se perca de vista que o seu fim unico é servir de instrumento de cura, de modificativo de indole e nunca inutilisar individuos na rapidez de um momento, sem esperança de regeneração e de arrependimento futuro.

Que beneficio moral, actua gradualmente no espirito d'um malvado para quem cessa de modo tão brutal e instantaneo o mal estar physico da prisão?

E se elle é na realidade um ente da peior especie e de instinctos pessimos, detel-o-ha no caminho do crime a idéa sinistra da corda ou do gume afiado?

E um typo de caracter baixo assim repellentissimo, é garantia sufficiente para se affirmar com segurança a impossibilidade psychica e material de obter a sua transformação por um castigo humano proporcionado á craveira do seu nivel n'um regimen interno de reclusão rigorosamente educativo?

Obrigado a trabalhar e sujeito a uma disciplina inquebrantavel, não pode remir d'alguma sorte o sudario miseravel da vida passada e pelo menos conquistar melhor conceito?

A pena de morte serve quando muito de registo de lançamento á valla commum dos cemiterios, de corpos aos quaes se arrancou o existir reduzindo-os á inutilidade mais completa e absurda no campo pratico da ethica social.

Sempre que o castigo tem attingido os limites maximos d'uma progressão logica e entrado positivamente nos dominios da estupidez e da vingança bestial, tem tambem recrudescido e requintado o crime e a onda dos malfeitores, patenteando concomitantemente que a pena de morte generalisada aos diversos delictos é além de contraproducente fonte lidima de anathema para a memoria de todos os draconianos.

Se ella fosse deveras uma divisa de perenne ameaça não viria com certeza o trilho das nações ennegrecido pela nodoa indelevel de tantissimos attentados criminosos, em que mais se revelam signaes evidentes do instincto natural do tigre e da hyena do que do ser humano.

Já dois compatriotas nossos, o conde de Bertiandos e o estudioso professor Ferreira Deusdado, honraram no estrangeiro a terra que lhes foi berço erguendo a voz e pedindo no seio d'um congresso scientifico a abolição da pena de morte para os demais paizes do mundo culto, á maneira do systema adoptado em Portugal.

Pensaram e procederam não de leve mas profundamente conscios do seu juizo e da essencia philosophica da questão, viram em recolhimento espiritual e em reflexão pura que as sociedades humanas não carecem da pena de morte para conterem as lavas vulcanicas da paixão torpe e da malevolencia ignara e imbecil, mas de classes dirigentes cujos membros afinem pelo diapasão da honra intransigente, da seriedade provada e do porte correcto; auscultaram as oscillações da politica no decurso dos seculos e tiveram de filiar nas suas tropelias infamissimas e infamantes, uma das causas principaes de provocação de despeitos odiosos, de canibalismos grotescos, de desordem nos Estados e de criminalidade publica.

Não é a execução dos malvados o antidoto que assegura milhares de vidas de gentes pacificas e ordeiras, é a administração imparcial da justiça, equitativa e austera.

Germen de criminosos, multiplicação de crimes, arauto precursor da anarchia é deixar impunes ou pouco menos pessoas influentes na esphera e no credo partidario dos vultos proeminentes da politica, com incrivel semceremonia para as disposições das leis em vigor e com escandalo notorio para as populações das localidades respectivas.

Desde que seja regra inviolavel e invariavel dos governos castigar todo o deliquente e espalhar instrucção civica e religiosa por toda a parte, fincando no exemplo de moralidade dos individuos que os constituem, o alto espelho onde os restantes habitantes dos varios paizes distingam modelos nobres e procurem insensivelmente orientar-se, desde que seja isto a bussola e o norte dos homens do poder ha de certamente produzir-se nas multidões uma notavel modificação de habitos e de costumes e poderão com propriedade exigir-se responsabilidades não só ás grandes massas populares, mas a cada individuo isolado.

A pena de morte briga pois com todos os principios genuinamente alevantados da Moral, não evita nenhuma casta de crime, não é um direito reservado á sociedade a pretexto de defesa legitima, mas um attentado novo que a consciencia humana reprova no seu fôro intimo; não é um penhor salutar estorvando a realisação dos maus intentos da perversidade, nem uma agua que lave com satisfação plena, é uma creação diabolica e infernal da fraqueza nutrindo-se á custa de manchas indeleveis, de organisações defeituosas e até de erros irreparaveis.

D. Francisco de Noronha.

H. SUDERMANN

O MOINHO SILENCIOSO

(Continuado do n.º antecedente)

XXI

Esmorece, cada vez mais longe, o tumulto da festa. A algazarra das vozes mil é tão só um murmurio enfraquecido no qual apenas se destaca, em notas agudas, o vozear nos cavallinhos de páo; e quando recomeça a tocar a orchestra do baile, que por muito tempo se calou, abafa tudo o mais com a estralada aguda das trombetas.

Mas esses mesmos sons vão enfraquecendo; o zabumba, que discretamente desempenhou até então sua parte, passa a levar vantagem, porque deitam mais longe seus rebombos surdos.

A par caminham os dois e em silencio; nem um, nem outro se atreve a encetar conversação. Treme no braço do João o da Gertrudes, que olha para os nevoeiros de reflexos esverdinhados que vão subindo da varzea. Caminha com desembaraço, embora não deixe de coxear um pouco e de estremecer, uma vez por outra, soltando um gemidosinho.

Haverá uns bons cinco minutos que elles vão andando, quando ella, voltando-se, aponta, com a mão estendida para o enxame das luzes na praça onde é a festa: scintillam no fundo sombrio do pinhal. Os cavallos de páo traçam um circulo brilhante e o muro de lona da salla do baile scintilla como um véo tecido de chammas.

— Vê como é lindo! murmura ella timidamente.

Elle responde com um aceno.

— João!

— Que é, Gertrudes?

— Não me queiras mal.

— Porquê?

— Porque te foste do baile?

— Porque senti calôr de mais na salla.

— Não foi por me veres a dançar com um outro?

— Qual!...

— Olha; quando te foste senti-me de repente tão só, tão abandonada que tive que puxar por todas as minhas forças para não desatar a chorar. «Se não queria que eu dançasse, que m'o dissesse, dizia eu comigo... Se vim á festa, não foi por elle? Não foi por elle que quiz parecer bonita?...» E ainda me ardia mais o pé do que d'antes; tive uma tontura e depois... de repente... e depois... já sabes...

O João range os dentes, um estremecimento sacode-lhe os braços, como se tentassem, sem o elle querer, agarrar a Gertrudes. Ella inclina devagarinho a cabeça sobre o hombro do João e o seu olhar brilhante e claro ergue-se para elle; mas logo solta um grito agudissimo: o pé dorido que vai custosamente arrastando, esbarrou n'uma pedra. Ella ainda quer suster-se, mas escapa-lhe o braço do braço do João; e, succumbindo á dôr, deixa-se cahir nas ervas.

— Deixa-me para aqui estar estendida um instante, diz, limpando o suor frio que lhe escorre pela testa.

Depois deita-se com a cara sobre a relva e assim fica uns segundos sem bolir. O João dá-lhe aquillo cuidado.

— Vem, diz-lhe, não te faça mal o frio.

E ella estende-lhe a mão direita, desviando o olhar.

—Ajuda-me.

Mas ao querer andar, vergam-se-lhe os joelhos.

— Bem vês, isto não vai assim, diz com um sorriso cançado.

— Pois então levo-te ao collo, diz elle abrindo os braços.

Sai dos labios de Gertrudes um murmurio entre alegre e queixoso: um momento depois, o corpo d'ella, erguido de sobre a relva, está deitado nos braços do João.

A Gertrudes solta um suspiro profundo e, de olhos fechados, apoia a cabeça no rosto d'elle. Peito com peito, escorrem lhe os cabellos como ondas sobre o pescoço do João, o seu halito quente afaga-lhe a face.

Mais estreitamente abraça elle o corpo tremulo. Para deante; para deante, cada vez mais longe, ainda que as forças o trahissem, para deante, até ao cabo do mundo!... Dôres repentinas o ferem no lado, um véo avermelhado tolda-lhe os olhos, parece-lhe que vai cahir e expirar. Pouco importa!... para deante, cada vez mais para deante!

Acolá, o rio o chama, a queda d'agua ruge surdamente no silencio da noite e as gotas que resaltam luzem aos raios da lua.

E ella deixa cahir a cabeça para traz sobre o braço do João e um sorriso de encanto e dôr volita sobre sua bocca entreaberta: reabriu os olhos em cujas pupillas escuras se reflecte a lua.

— Onde estamos nós? murmura.

— A' beira do rio, diz elle offegante.

— Põe-me no chão.

— Não quero... não posso...

Mesmo á beira do rio, põe-a no chão finalmente; depois estira-se na relva, põe a mão sobre o peito e faz um esforço para respirar. Batem-lhe as fontes e está quasi a perder os sentidos... Mas com um vigoroso esforço levanta-se, debruça-se sobre a corrente e com as mãos tira agua com que banha a testa.

Assim recobra os sentidos. Volta-se para a Gertrudes, que escondeu o rosto nas mãos e geme devagarinho.
— Doe-te muito? pergunta-lhe elle.
— Arde-me.
— Põe o teu pé dentro d'agua para refrescar.
A Gertrudes deixa cahir as mãos e olha espantada para elle.
— Olha, a mim fez me bem, diz-lhe, mostrando a testa d'onde gotas d'agua ainda escorrem.
Ella inclina-se para deante para tirar o sapato; mas treme-lhe a mão e pára sem poder com o esforço.
— Eu te ajudo, diz elle.
Um movimento rapido e vôa o sapato para junto d'ella; atraz vai a meia, e, arrastando-se até á extrema beira do rio, a Gertrudes mergulha o pé até ao tornozello na frescura da corrente.
— Ai, como é bom! murmura, respirando profundamente.
Depois, olhando para a direita e para a esquerda, procura onde apoiar-se.
— Encosta-te a mim, diz-lhe elle.
E ella, outra vez, reclina a cabeça no hombro do João. Corre-lhe pelo braço um estremecimento, mas não se atreve a segural-a pela cintura, nem quasi a fazer um só movimento; custa-lhe a respirar e olha fito para as aguas transparentes atravez as quaes esplende o pé muito branco da Gertrudes, tal qual uma concha de madreperola pousada no fundo.
Um ao lado do outro estão sentados, em silencio. Na frente d'elles, no açude, as aguas rugem e rodemoinham. A espuma parece estender uma ponta de prata de lado a lado do rio, que já pacificamente lhe corre aos pés. De espaço a espaço a brisa suave da noite traz-lhes uns sons amortecidos da musica: ao rebombar monotono dos timbales mistura-se o grito surdo do alcaravão.
De repente, a Gertrudes sente um estremecimento.
— Que tens?
— Tenho frio.
— Tira já o teu pé de dentro d'agua.
Ella obedece-lhe e depois tira do bolso o lenço de cambraia fina que levou para o baile.
— Para que presta isso? diz o João — e com mão tremula puxa do seu lenço ordinario. — Eu te enxugo o pé.
Calada, com um olhar timido e supplicante, não se move; mas quando elle sente nas mãos aquelle pésinho macio e fresco, dá-lhe uma vertigem, invade-o um desejo ardente e louco; abaixa-se e deixa cahir sobre o pésinho d'ella a testa a escaldar.
— Que fazes? grita a Gertrudes.
Elle ergueu-se. Cruzam-se os olhares cheios de embriaguez e então com dois gritos de fera caem nos braços um do outro.
Os beijos d'elle ardentes caem sobre a bocca da Gertrudes. Ella ri e chora ao mesmo tempo, pega-lhe na cabeça com as duas mãos, afaga-lhe os cabellos, encosta a sua face á d'elle e beija-lhe a testa e os olhos.
— De ti... de ti... Como eu gosto de ti!
— És minha, muito minha?
— Sim, sim!
— E has de amar-me sempre?
— Sempre! sempre!... E tu tambem... Nunca mais me has de deixar só como hoje, para que o Martinho...
E logo se calou. Pesa sobre ella o silencio — e que silencio!... Resôam ao longe os timbales... Rugem as aguas.
Olham um para o outro pallidos como a morte. E ella põe-se aos gritos:
— Jesus! Jesus!
A voz d'ella retine pela noite.
Elle com violentos gemidos esconde o rosto nas mãos. Um soluço sem lagrimas sacode-lhe o corpo todo. Accende-se-lhe ante os olhos uma chamma sangrenta que se ateia como se quizesse abrasar o inteiro mundo. Fez-se n'elle a luz de repente. Aquelle clarão que n'elle despontou, sinistro, na vespera de S. João e que, n'essa tarde em que a Gertrudes em meio do canto desatou a chorar, lhe atravessou como relampago o cerebro para logo apagar-se — essa mesma luz é que se ergue a seus olhos agora como o disco scintillante do sol. E cada chamma lhe fala d'odios, cada fagulha lhe faz tremer a alma nas torturas do ciume, fere-lhe cada raio o coração com um sentimento de terror e de remorso... A Gertrudes deitou-se com o rosto no chão e chora, chora amargamente. Inclinada a fronte, cruzadas as mãos, contempla elle o corpo encantador que para ali está n'um desespero.
— Vamos para casa, diz em voz sumida.
Ella ergue a cabeça e atira os braços rijos pelo chão; mas quando elle a quer levantar, solta um grito agudo:
— Não me toques!
Por duas ou tres vezes tenta erguer-se; outras tantas lhe vergam as pernas. Então estende-lhe os braços sem dar palavra e deixa que elle a ajude. O João em silencio, ampara-lhe os passos cambaleantes ao atravessar o pateo do moinho. Seccaram-se-lhe a ella as lagrimas. Nas feições immoveis e pallidas lê-se-lhe a sombra d'um desespêro; desvia o rosto e deixa-se, fóra da propria vontade, arrastar por elle. Ao chegarem á varanda, retira o braço do braço do João e, puxando pelas forças todas, encaminha-se sósinha para a porta. Na sombra espessa da folhagem, desapparece.
Uma, duas vezes, retinem surdas argoladas. No interior ouvem-se uns passos arrastados no sobrado; deram volta á chave e uma luz amarella espalha-se fóra ao luar.
— Senhor Deus, minha senhora, que cara tão transtornada! diz a voz cheia de susto da criada.
Fecharam a porta.
Por largo tempo deixou-se ali ficar o João com os olhos fitos no logar onde ella desapparecêra. Uma sensação de frio, que o fez estremecer da cabeça até aos pés, acorda-o d'aquelle torpor. Machinalmente arrasta-se pelo pateo, cheio de luar; faz festas aos cães que pucham pelas correntes saltando de alegria; deita um olhar idiota para a roda immovel, sob a qual a agua deslisa sem rumor, como uma serpente de prata. Uma força misteriosa o expulsa; o chão do pateo queima-lhe os pés.
Volta pela varzea até ao açude, onde esteve sentado com a Gertrudes. Na relva brilha o sapatinho azul e ao lado a meia comprida, tão fina... Voltou ella para casa coxeando, de pé descalço, e nem sequer deu por isso!
Solta uma gargalhada estridente, pega no sapato e na meia e atira-os para muito longe, nas aguas espumantes.
Aonde ir agora? O moinho fechou-lhe a porta para sempre. Aonde ir? Ha de ir, para descançar, estirar-se ao pé d'uma meda de feno? Póde lá adormecer!.. Olá! Um rancho alegre!... É verdade que, ainda ha pouco, desdenhou... mas agora vem a tempo!

XXII

Quando, pelas duas horas da manhã, o Martinho Felshammer poude livrar-se dos companheiros, bebedores damnados, e que de alegre humor chegou ao largo da festa, quando já a claridade duvidosa da manhã embaciada, que vinha nascendo, alumiava as idas e vindas dos passeantes demorados, viu approximar-se d'ella um rancho de rapazolas avinhados, que, berrando umas cantigas obscenas, iam, a um de fundo, circulando entre os grupos. A' frente marcha o serralheiro Farmann, um patife de marca, que de noite costuma andar a roubar a caça, e atraz d'elle muitos marócs.
Decidido a pol-os d'ali para fóra, caminha direito contra o rancho, quando de subito, pára, como petrificado e deixa cahir os braços. Em meio do grupo dá com o irmão, o João, d'olhos desvairados e um ar de bebado.
— João! grita elle pasmado.
E este estremece; o rosto de carmesim faz-se-lhe côr da terra; vacilla-lhe nos olhos um clarão de pavor, treme, estende o braço como para defender-se e recua dois ou tres passos cambaleando.
O Martinho sente abrandar-se-lhe a colera. Tão lamentoso o espectaculo excita-lhe o dó. Vai ter com o João e, pegando-lhe no braço, diz-lhe com subita ternura:
— Vem, irmão; é tarde: vamos para casa.
Mas o João, com um movimento de horror, recua ainda deante d'aquella mão que lhe tocou e, erguendo para Martinho um olhar cheio de mortal angustia, diz-lhe com voz rouca:
— Deixa me!... Não quero, não quero nada mais comtigo; já não sou teu irmão!
O Martinho tem um sobresalto; agarra-se com ambas as mãos á mesa que ali está proxima e deixa-se cahir sobre o banco, como ferido por uma facada.
O João afasta-se correndo e embrenha-se no pinhal.

XXIII

Desde esse dia tudo são tristezas na casa dos Felshammers.
Quando o Martinho, n'essa manhã, voltou para casa, tudo achou tranquillo, profundamente tranquillo. Tirou da parede a chave do moinho e arrastou-se até áquelle quarto doloroso de que fizera, por assim dizer, o templo da sua culpa. Lá foi dar com ella a gente do moinho á hora do almoço, tão branco como o estuque da parede, com o rosto nas mãos e murmurando sem tregua:
— Fritz! Fritz! eis a expiação! a expiação!
O espectro, o velho, o temivel espectro que julgára para sempre haver desterrado, novamente o prostra e com as garras lhe aperta as goellas para afogal-o.
Foi quasi preciso empregar a força para desalojal-o do retiro. Com passo pesado e moroso sahiu do moinho cambaleando. Foi encontrar a mulher a um canto, de rosto abatido, com o olhar medroso e desvairado. Então pegou-lhe na cabeça com as duas mãos, fitou por instantes na desgraçada tremula o olhar sombrio e murmurou o seu melancolico:
— Eis a expiação! a expiação!
Ouvindo estas palavras sinistras, a Gertrudes sente um calafrio percorrer-lhe o corpo. «Já saberá...? Ainda não. .? O João confessaria...? Ou foi elle que por acaso descobriu o mysterio?... Serão suspeitas apenas?»
E desde então o terror consome a, corpo e alma, na presença d'aquelle homem; consome-a a paixão por outro que seu amor desterrou para tão longe. Enfiou, emmagreceu, cavaram-se-lhe as faces; vagueia acaso, como uma somnambula. Desenham-se-lhe em volta dos olhos traços azulados que se vão alargando cada vez mais: em volta da bocca risca-se-lhe uma prega, sempre, sempre a contrahir-se a mover-se como um diabinho a dançar.
O Martinho não dá por coisa alguma. A dôr de ter perdido o irmão todo o absorve. Durante os primeiros dias, cada hora esperou que voltasse, esquecido, sem consciencia do que havia dito nos desvarios da embriaguez; e o Martinho será decerto dos ultimos que lh'o relembrem.
Mas, um apoz outro correm os dias sem que volte o João; cresce-lhe a angustia. Põe-se a querer saber do desapparecido; mas a principio sem resultado, porque poucas são as relações de aldeia para aldeia. Pouco a pouco, porém, vão chegando novas ao moinho; hoje viram-o por aqui, outro dia por acolá, errante como um vagabundo, mas sempre em alegres companhias. Logo que «o diabo do João» como lhe chamam, apparece seja onde fôr, enche-se de gente a taberna, saltam as rolhas, tinem os copos; e até, no auge da festança, atravez os vidros que se estilham vôam pelas ruas as garrafas Mas deixal-o! «o diabo do João» paga toda a caqueirada. Quantos encontra no caminho hão de beber com elle, e, ainda por cima, que boas cantigas bregeiras, que historias salgadinhas para espalhar o bofe! Olá! bello companheiro, bebedor d'uma cana esse «diabo do João!»
Pouco a pouco apresenta-se á porta do moinho toda a sorte de figurões duvidosos, gente com quem é bom não ter negocios: é o Lob Levi, de Beelitzhof, monopolista de cereaes e o Huffmann de Grunhalde, negociador de hypothecas: trazem uns papeis amarellos e cebentos em que a mão do irmão assignou letras a tanto por cento, a praso de tantos dias. O Martinho olha por muito tempo para aquellas letras incertas que cambaleiam como bebadas, umas por cima das outras; depois dirige-se para o cofre e paga, sem dar palavra, a divida e os juros exorbitantes. Se não era de bom grado que daria metade da fortuna para comprar a volta do irmão a casa!
Um dia, porfim, manda pôr a carruagem e sai elle a procural-o. Anda leguas e leguas, fica noites inteiras fóra de casa sem nunca conseguir pôr-lhe a vista em cima. Informações que lhe dão nas estalagens são incompletas e confusas; respondem-lhe uns com evasivas atrapalhadas, outros com ar de mysterio e manha; todos estão de pé atraz com o dono do moinho de Felshammer, que deitando as unhas ao bebado do irmão lhes dará cabo das receitas.
Quando o Martinho começa a suspeitar da burla, apodera-se d'elle o desanimo. Manda a carruagem para a cocheira e passa dois dias inteiros fechado no «escriptorio.» E entretanto lembra-se que talvez fosse bom pedir auxilio á policia de Marienfeld. Porque tem auctoridade, ser-lhe-hia talvez facil arrancar a verdade aos homens. — Mas isso não! Não permitte a honra do nome dos Felshammers que a policia procure o irmão d'elle; era para o velho pae estremecer na cova.
Um resfriamento que apanhou n'uma d'essas noitadas obriga-o a ficar de cama. E durante duas semanas eternas, a Gertrudes, noite e dia, sentada á cabeceira do leito, é torturada pelas allucinações do delirio em que o Martinho vê os dois irmãos, o morto e o vivo, vagueando em torno d'elle, ora distinctos, ora fundidos n'um unico ser monstruoso, espectro com duas caras.
Ainda combalido, manda apromptar a carruagem. Tanto andará que ha de encontral-o!

(Continua.)

NECROLOGIA

VICTOR HUSSLA

Cerca das 10 horas da manhã do dia 14 de novembro corrente, no momento em que entrava no Real Conservatorio de Lisboa, onde ia exercer as suas funcções de professor de violino, foi accommettido por uma congestão, que passados minutos o victimou, o talentoso compositor e *virtuose* Victor Hussla, conhecido professor da Real Academia de Amadores de Musica.

Comquanto extrangeiro de nacionalidade, a sua permanencia de mais de doze annos em Portugal tornara-o amante e dedicado ao nosso paiz, bem podendo considerar-se um artista nacional pela alma e coração.

De sangue allemão mas nascido em S. Petersburgo, onde seu pae era professor da orchestra do Theatro Imperial, fez com elle os seus primeiros estudos, completando-os na Allemanha e na Suissa.

Tocou em varios concertos de Leipzig, Nice e Lugano, e veiu para Portugal, já precedido de justa reputação, a convite da Real Academia dos Amadores de Musica.

Transportado ao nosso meio, Victor Hussla soube sentir com o genio proprio da sua raça toda a graça da nossa musica popular, colligindo as suas tres *Rhapsodias portuguezas* e a *Suite portugueza*, criando assim fóros á gratidão de todos nós e estreitando pela arte os laços de sympathia que tão querido o tornavam já.

O cantico das vagas feito sobre versos de Lopes de Mendonça é tambem uma pagina de musica que nos lisongeia e desvanece. Os concertos de musica de camara em que tanta vez tomou parte deixaram o seu nome associado aos de outros nossos musicos notaveis.

Hussla tambem escreveu a partitura da operetta de Schwalbach «Viagem do Rei Carrapato» e outras varias composições apreciadas.

Repouse em paz o malogrado artista.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Diccionario *de synonimos da lingua portugueza e Supplemento do Diccionario Illustrado por Henrique Brunswick — Editor — Francisco Pastor — Lisboa.*

Alcança ao fasciculo 19 a caderneta que temos presente d'este util diccionario. Vae até á palavra *Desinfectar* e dá grande copia de accepções e uma interpretação cuidada dos vocabulos.

A orthographia adoptada pelo auctor é pretenciosa, abundando a accentuação, por vezes errada, o que tira uma parte do valor que incontestavelmente possue um livro d'esta ordem.

Sem orthographia official, será presumpção qualquer escriptor pretender impor ao publico uma orthographia que por nenhuns motivos se recommenda.

A Saude.

Temos continuado a receber regularmente esta revista mensal sobre tratamentos naturaes, isto é, emprego do ar, da agua, alimentos, luz, exercicio, temperatura e d'outros meios innocentes com fins therapeuticos para manter, robustecer e restaurar a saude pelos methodos de Priesnitz, Kneipp, dr. Brehmer, etc.

E' publicação muito util aos medicos e indispensavel aos paes de familia, directores de collegios, hospicios, asylos, etc. Tem por director o sr. Dr. João Bentes Castel-Branco, nas Caldas de Monchique.

Redempção — *Lever-de-rideau, por Antonio Pena — Livraria Ferreira, 132, Rua Aurea — Lisboa 1899.*

Se a memoria nos não falha, François Coppée compoz uma das suas mais bellas poesias sobre assumpto egual ao d'este *lever-de-rideau*. Trata-se de um casal pobre, em que o marido, homem ebrio, entra em casa para como de costume bater na mulher e ao dar com o berço do filhinho se cala de repente impondo tambem silencio á infeliz consorte. Sobre thema tão suggestivo — o amor de pae, o sr. Antonio Pena bordou um dramatico *lever-de-rideau* que decorre com interesse durante as suas sete scenas.

A delicada composição foi posta á venda por diminuto preço e presta-se á maioria dos nossos palcos.

Bibliotheca Popular Catholica — *N.os 1 e 2 — Lisboa, 1899. Directores, Zuzarte de Mendonça e Pedro Fabro.*

Consta esta nova bibliotheca de volumes de 32 a 48 paginas, de magnifica impressão, alguns illustrados, contendo cada um diversos estudos interessantes e outros trabalhos, com noticias bibliographicas, dos mais laureados auctores de todos os tempos. Estão publicados, e d'elles recebemos exemplares especiaes, os volumes 1 e 2, que inserem:

Galileu, estudo de José Fernando de Sousa (*Nemo*). Com o retrato do auctor e notas bibliographicas de Pedro Fabro;

Da liberdade Humana, celebre encyclica de Leão XIII, com o retrato do Pontifice e notas bibliographicas de Zuzarte de Mendonça.

Como se vê, a *Bibliotheca Popular Catholica* iniciou com selecta e cuidadosa preferencia de estudos a sua publicação. Os seus directores, dois moços jornalistas talentosos, são garantia de uma collaboração distincta, que muito deve elevar a nova bibliotheca.

VICTOR HUSSLA — FALLECIDO EM 14 DO CORRENTE

Rivista politica e letteraria — *Roma — 1899.*

D'esta notavel revista italiana, de que temos presentes os numeros de julho, agosto e setembro findos, acabamos de receber o do mez de outubro corrente, com o qual inicia o seu IX volume, ultimo do terceiro anno.

Pela maneira como de outras vezes nos temos referido a esta importante publicação, já os nossos leitores podem inferir do seu merecimento, pois que no breve espaço de um anno, (pois que o primeiro numero sahiu em outubro de 1898), occupa um posto de honra entre as suas congeneres, tendo uma grande diffusão.

O intuito dos seus redactores tem sido o dar uma verdadeira anthologia mais ou menos variada de bons escriptos, dando-lhes um todo harmonico, demonstrativo da cultura hodierna. As mais palpitantes questões são tratadas por boas pennas, sem facção nem partidarismos.

Como complemento do texto original publica a *Revista* todos os mezes um desenvolvido e interessante *Bolletino Bibliografico* que é uma verdadeira publicação especial annexa a cada fasciculo, constituindo uma minuciosa e interessante resenha de tudo o que de mais importante se publica em Italia e no estrangeiro, o que nenhuma outra revista até hoje fez, offerecendo ao leitor uma enorme copia de informações litterarias e artisticas, que raro se obteem pela consulta de muitas e variadas revistas do estrangeiro, e com grande economia de tempo e de trabalho.

N'esse boletim tem O OCCIDENTE merecido as respectivas referencias dos seus artigos, sendo acompanhadas de lisongeiras expressões, que muito nos penhoram.

E' sem duvida, pois, que a *Rivista Politica e Letteraria* realisa o typo mais genuino e mais completo das publicações do seu genero, dando inteira conta do movimento politico, litterario, scientifico e economico contemporaneo.

Revistas agricolas.

Das conceituadas revistas agricolas que nos visitam e ás quaes por mais de uma vez nos temos referido com o justo louvor que merecem, tanto dentro da sua especialidade como fóra d'ella, temos hoje a noticiar o recebimento das seguintes:

Portugal Agricola. D'este periodico, de que temos reunidos os n.os 6 a 12 do 10.º anno, referentes a dezembro de 1898 — junho de 1899, temos o prazer de annunciar e congratularmo-nos com o seu primeiro numero do 11.º anno de publicação, o que é prova manifesta do honroso apreço que merece.

A esse acolhimento tem sabido o *Portugal Agricola* corresponder plenamente com uma collaboração selecta, variada e cuidadosa, propagando as boas praticas agricolas, tanto do continente como das colonias, pondo o lavrador sempre a par de tudo que apparece de novidade no assumpto e defendendo com acrisolado fervor os interesses da lavoura nacional.

A' illustrada redacção do *Portugal Agricola* os nossos parabens pelo seu novo anno de publicação.

A agricultura contemporanea. D'esta revista agricola-agronomica, tão antiga como a antecedente, temos presentes os n.os 1 a 5, relativos de abril a agosto de 1899. Tão distinctamente redigida e collaborada como o *Portugal Agricola*, figuram no numero dos seus collaboradores os nossos mais illustres agricultores, agronomos, silvicultores e medicos-veterinarios.

Boletim da Real Associação Central da Agricultura portugueza. D'esta nova publicação agricola recebemos, além dos numeros já noticiados, mais os n.os 3, 4 e 5, respeitantes a Junho, Julho e Agosto do anno corrente. Constituem elles uns interessantes annaes da Associação, inserindo a integra de varias conferencias realisadas na sua séde e um grande numero de informações e noticias. As conferencias já publicadas são as seguintes:

O credito agricola em Portugal pelo dr. Jayme de Magalhães Lima.

Les eaux souterraines et les sources por Mr. Paulo Choffat.

A cultura do trigo pelos adubos chimicos no Baixo Alemtejo, pelo sr. Miguel E. Oliveira Fernandes.

Sciencia e rotina (resumo) pelo sr. Conde de Ficalho.